

Conflito no Xingu

SANGUE DE PEÃO MOLHA TERRA DE ÍNDIO INVADIDA POR FAZENDEIRO

Onze peões foram mortos a bordunadas no dia 8 de agosto num ataque em que participaram índios das nações Txukarramae, Trumai, Juruna, Suiá, Kayabi e Kreen-Akore que, pela primeira vez realizaram uma ação unificada na defesa do seu território. Os peões foram enviados pelo dono da fazenda São Luis, sr. Luis Carlos de Souza Lima, recebendo um salário de fome para desmatar a área.

Esta não é a primeira vez que peões caem em ciladas montadas por fazendeiros. No final de 1976 um ataque na fazenda Agropexim, instalada dentro de território indígena. Mataram dois peões. A notícia só foi divulgada em 1977 pela FUNAI. Os fazendeiros já haviam provocado os índios dando tiros. O então diretor do PNX, Olympio Serra foi ao local do conflito com a Polícia Federal, "na esperança de que esse pessoal fosse preso pela agressão aos índios; mas infelizmente nada aconteceu com eles".

O PORANTIM imediatamente deslocou-se para Brasília onde os líderes indígenas negociavam com a FUNAI um tratado de paz. Entrevistamos os líderes Raoni, Mekaronty e Aruiavi e o peão ferido que conseguiu escapar, além de registrar os depoimentos dos fazendeiros (pp.segs) e as notas de protesto da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e da SBI (Sociedade Brasileira de Indigenistas).

Durante as negociações que se estenderam por uma semana, o coronel Nobre da Veiga garantiu aos líderes indígenas que iria desviar o traçado da Br-080 que corta o Parque Nacional do Xingu, além de jurar que iria criar uma faixa de 15 Km., área neutra de amortização a ser administrada pelo IBDF.

Nobre da Veiga deslocou-se com agentes da FUNAI, SNI e Polícia Federal para uma reunião com os fazendeiros da região, realizada no lugarejo denominado São José de Bang-Bang, município de Luciara, Mato Grosso. Lá, o presidente da FUNAI sofreu a humilhação e os gritos dos fazendeiros que

exibiam certidões negativas dadas pela própria FUNAI quando dirigida pelo gal. Bandeira de Melo. Foi objeto ainda de outras acusações que o atingiam pessoalmente: os fazendeiros afirmaram que a FUNAI já estava avisada há mais de três semanas da possibilidade do conflito e nada fez. Em declarações ao PORANTIM, o líder RAONI confirmou que ele pessoalmente havia avisado ao diretor do PNX, sr. Francisco de Assis.

Depois de se reunir com os índios que protestaram porque ele havia discutido apenas com os fazendeiros, o coronel Nobre da Veiga voltou atrás e disse que não modificará o traçado da estrada (Ver artigo de M. Moreira).

Quanto à área neutra de amortização, o coronel foi excessivamente "generoso", porque o último decreto sobre o PNX, datado de 13 de julho de 1971 e assinado por Garrastazu Médici confirma 40 km das margens direita e esquerda do rio Kuluene prolongando-se pelo rio Xingu em toda sua extensão norte-sul, para os índios. De acordo a este decreto de nº. 68.909, a parte ao norte da estrada seria desligada do Parque, mas "permanecerá sob o regime do art. 193 da Constituição, enquanto habitada com caráter de permanência pelas tribos indígenas que atualmente nela se encontram" (ver pp. centrais). Portanto, a proposta de Nobre da Veiga, não aceita pelos fazendeiros, rouba os índios em pelo menos 25 Km.

Para compreender melhor a situação de PNX, o PORANTIM ouviu o seu ex-diretor Olympio Serra (p. 20 e páginas centrais) e está publicando na íntegra um artigo de Eduardo B. Viveiros de Castro que já foi publicado em forma mutilada pela revista ISTO É e em forma resumida pela revista NIMUENDAJU. Olympio acha que enquanto não for resolvido em forma definitiva os limites do Parque, novos conflitos surgirão com a morte de inocentes peões patrocinada pelos fazendeiros.



Raoni depois da reunião de negociação em Brasília.

FAZENDAS QUE INVADIRAM O NORTE DO PARQUE DO XINGU E QUE AGORA NÃO QUEREM SER ATINGIDAS PELA FAIXA DE AMORTECIMENTO

1. Camaçari
2. Belina
3. Quadrante
4. Bom Mirar
5. São Bento
6. Santa Fé
7. Joíara
8. Estrela D'Alva
9. Volta Grande
10. Peti
11. Ariata
12. Filipina
13. Granja do Norte
14. Santa Catarina
15. Serrana
16. Rio Xingu
17. Ouro Verde
18. Três Ranchos
19. São Paulo
20. São Luís — proprietária Luis Carlos da Silva Lima
21. Granja Rezende
22. Benés

COMO O TUTOR ENROLA TUTELADOS

A Estrada BR-080 (Brasília-Manaus) não será desativada. O cacique Raoni, chefe dos Txukarramae do Kretire, contrariando uma posição de dez anos, não quer desativar a estrada preocupado com "os parentes". Os parentes, no caso, são os Mekranotire que vivem abaixo da Cachoeira Von Martius. Mas esta nova posição de Raoni vem causando estranheza. Por um lado a concordância da estrada no parque — exatamente na hora em que se vislumbra uma possibilidade de afastá-la 300 quilômetros rio abaixo, e em segundo lugar uma declaração de Raoni: "Acho que os brancos deviam logo matar todo mundo e pegar as nossas terras".

Esta declaração do cacique foi feita 24 horas depois do encontro entre os caciques do norte do parque e o presidente da FUNAI, no Posto do Kretire. A imprensa não teve acesso ao encontro porque o coronel Nobre da Veiga viajou "de surpresa", segundo informa o assessor de imprensa do órgão, Silvio Reiner. Na verdade esta viagem não foi tão de surpresa porque todos os caciques das nações do norte estavam reunidos no Kretire: Raoni, Krumari e Kremuro, dos Txukarramae; Karanini, dos Juruna; Cuiuci dos Kajabi e Cuiabano, dos Suiá. Todos estes chefes moram bem distantes do Posto de Kretire.

Não se sabe o que aconteceu de fato neste encontro pois as únicas informações chegadas a Brasília têm como fonte a assessoria de imprensa da FUNAI que não teria o menor interesse em contar se tutor e tutelados se enfrentaram, se houve ameaças ou pressões. O que se sabe de concreto é que o cacique Raoni, que sempre se distinguiu por sua luta em defesa da terra e por não se curvar diante da estrada estava abatido, apressado, cansado de guerra.

VIGILÂNCIA

Outros pontos discutidos na reunião do dia 21 no Kretire dizem respeito à segurança dos

produtos dos fazendeiros (vigilância nas margens do rio Xingu) e a faixa de amortização, ponto que nem deveria ser discutido uma vez que desde a criação do parque os índios são proprietários de 40 quilômetros tanto na margem direita como na margem esquerda do rio Xingu. A nova faixa terá 20 quilômetros, ou seja menos 20 para os índios.

Os postos de vigilância funcionarão nas margens do rio sob os cuidados da Polícia Militar de Mato Grosso. Algumas das ações da PM matogrossense se transformaram em manchetes de jornais, entre elas o assassinato do missionário João Bosco Penido Burnier. É preciso levar em consideração ainda que a PM de São José do Xingu (mais conhecida como Bang-Bang) foi formada pelos próprios fazendeiros, como contou Moacir Prata Pereira, um dos fazendeiros de Luciara e que está disposto a se armar contra os índios. Disse ele que os fazendeiros se reuniram, pagaram a polícia, deram-lhes alojamento e alimentação e depois o Estado de Mato Grosso reconheceu a unidade policial. Como se pode confiar numa polícia paga pelos fazendeiros?

Outro sucesso obtido pelo coronel Nobre da Veiga em seu encontro com as lideranças indígenas foi a promessa feita pelos índios de que não atacarão mais os caraibas. Esta nova trégua concedida poderá, entretanto, ser quebrada. Para isso basta que a Funai não cumpra o prazo de dois meses para retirar os fazendeiros e suas benfeitorias de dentro do território indígena. "Vamos lá tirar tudo", disse Raoni. Isto não é uma ameaça, é apenas a cobrança dos Txukarramae que já estão cansados de promessas, como observou o líder Bedjai: "Caraíba vem aqui e promete que vai resolver tudo. Passa muito tempo e não resolve", disse ele referindo-se à promessa feita pelo ex-presidente da Funai, Adhemar Ribeiro da Silva e pelo Ministro Andreazza, em maio do ano passado. Tanto um como

outro prometeram desviar o percurso da estrada e há um ano e três meses nações do norte esperam pelo cumprimento da promessa. Cumprimento agora praticamente impossível porque os índios "desistiram" não se sabe sob quais pressões ou novas promessas.

Mas vale um aviso: as tréguas dadas pelos índios têm pouca duração. A partir do momento em que eles desconfiarem de que acreditaram em mais uma palavra e que ela não se concretizou, eles voltam ao ataque. E o próximo poderá trazer conseqüências desastrosas para os habitantes do norte do Xingu. Depois da morte dos 11 peões na Fazenda São Luis, tanto os fazendeiros como a população de Bang-Bang só pensam em vingança.

O resultado final de toda esta história iniciada há dez anos, quando o ex-superintendente da Sudeco, Sebastião Camargo Junior decidiu construir a BR-080 cortando o parque do Xingu e beneficiando suas propriedades, trazendo como conseqüência o sarampo do Jarina e os ataques e mortes na Agropexim, culminando com este último ataque onde morreram 11 peões (contratados por dois mil cruzeiros pela derrubada de cinco hectares) é conhecido: os líderes vieram a Brasília e ficaram trancados com a direção da Funai e a Polícia Federal antes de serem apresentados para a imprensa, o presidente da Funai conversa com os fazendeiros que não querem desativar a estrada porque terão prejuízos financeiros, a Funai anuncia mais uma vez que vai desativar a estrada e finalmente um cansado, magro e abatido chefe indígena diz que a estrada permanece, desmentindo acordos feitos em Brasília, e anunciados para a grande imprensa como a salvação, quando na verdade era apenas um engodo para se ganhar tempo e evitar e novos ataques dos índios em defesa de seu território. (M. Moreira).

Conflitos no Xingu

Délio, o peão ferido, conta tudo

“O FAZENDEIRO ENGANOU. PEÃO NÃO SABIA QUE A TERRA ERA DE ÍNDIO”

“Eu não sabia que a terra era dos índios. Se eu soubesse eu não iria lá. Nós fomos enganados pelo fazendeiro” declarou Délio Ribeiro Soares...

Como Délio, milhares de peões desenraizados de sua terra natal, em geral do Nordeste e de Minas Gerais, são forçados a trabalhar em fazendas do Mato Grosso...

BEBENDO URINA

“Era mais ou menos 12 horas do dia. Nós tava trabalhando e os índios mandaram chamar nós. Arrodream a gente. Falaram, falaram, mas ninguém entendeu nada...”

“Enquanto eles batiam, a gente gritava: “meu Deus, meu Deus, não batam mais!” Ai bateram na minha cabeça, olha aqui! (mostra ao repórter o ferimento)...

Délio está bastante chocado e quando se lembra, tem crises de choro. Ele prossegue: “Eu andei no mato 12 horas, porque só cheguei em Bang-Bang à meia noite...”

O peão ferido contou como chegou na casa do “gato” (sempreiteiro) Benedito Holanda Medeiros, que o contratou: “Cheguei lá. Ai, o Benedito me mostrou o caminho...”

dio (A FUNAI) me trouxe de avião para este Hospital”. FAZENDEIRO ENGANOU

O PORANTIM indagou: — Délio, o chefe do desmatamento, o Terto José da Cruz, que escapou da morte porque não estava lá na hora, falou pros jornais que o Benedito, quando contratado, disse que se dissesse que se aparecesse índios, vocês não deviam reagir...

— Eu não sabia que a terra era dos índios. Se eu soubesse, eu não iria lá.

— Mas o Terto disse que todo mundo sabia...

— Eu mesmo não sabia. O Jair não sabia. O Luizão não sabia... Ao contrário. O Benedito dizia que a terra era do dr. Luís. Eles sabiam mas não disseram prá gente...

— Mas os fazendeiros disseram lá em Bang-Bang pros jornais que eles estavam com pena de vocês. Chamaram até de “irmãos”...

— Que irmão que nada. Fazendeiro nunca defendeu peão!

RAIVA DOS ÍNDIOS?

— Délio, os índios disseram que não iam matar ninguém. Mas que uns peões xingaram e eles ficaram com raiva. Quem foi que xingou?

— Ninguém xingou não. Ninguém falou nada. Ninguém reagiu. A gente não tinha um só canivete para resistir.

— Então você ficou com raiva dos índios?

— Não fiquei com raiva dos índios porque a terra é deles e nós fomos enganados. A gente era inocente, não sabia. No meu modo de pensar, o fazendeiro é que é o culpado. O que o sr. acha? O fazendeiro mata quando se invade a terra deles. Eu é que nunca tive um pedaço de terra prá trabalhar...

VIDA DE PEÃO

Selecionados esses trechos da conversa com Délio, parece que ele tem uma profunda consciência dos problemas. Poderíamos acrescentar para fortalecer essa imagem que, em relação aos Cr\$ 200,00 por dia que lhe pagavam para trabalhar 12 horas, ele achou que “não vale nada, não dá para nada”...

No entanto, Délio é um peão como todos os outros, simples, que acha “muito boa” a comida de arroz e com feijão que o fazendeiro lhe vendia. Mineiro de Montes Claros, 34 anos, ele nem sabe o que é FUNRURAL. Ele pretende voltar para sua terra, onde vivem seus 8 irmãos.

Normal também era para Délio trabalhar 12 horas por dia, como normal é pular de fazenda em fazenda. Como

todo peão, ele trabalha de 2 a 3 meses numa fazenda e daí vai para outra. Está há 8 meses em Mato Grosso saltando aqui e ali, depois de fazê-lo durante muitos anos em Goiás.

“DESTRIBALIZADOS”

Dos 18 peões que estavam desmatando os 15 alqueires de terras indígenas para o fazendeiro Luis Carlos Silva Lima, 7 sobreviveram: Délio que ficou ferido, e outro que estava ausente, e cinco que conseguiram fugir, entre os quais um mineiro, um paraibano, um cearense, um piauiense e um baiano: todos desenraizados da sua terra.

Baiano, de 49 anos, é Terto José da Cruz, o chefe do desmatamento, espécie de capataz contratado pelo “gato” Benedito Holanda, ele mesmo do Rio Grande do Norte.

Piauiense de 30 anos, natural do “Sem Vão” é outro sobrevivente, Manoel de Souza, que junto com Terto havia saído em busca de mercadoria no momento do ataque. Ele está há 5 anos no Mato Grosso e já passou por dezenas de empreiteiras, correndo sempre o risco de enfrentar o dilema: ou entra num trabalho “sujo” e duro ou fica desempregado, como agora em que todas as empreitadas na área foram suspensas por temor aos índios que perambulam em busca de caça e de penas de arara.

No lugarejo de Bang-Bang podem ser vistos diariamente peões bêbados na rua ou nas portas de um dos 40 bares de um povoado que tem apenas 150 casas. Ou mendigando como o peão Sabino Borges de Oliveira, mineiro, 33 anos e há 9 anos emigrando desde o Jequitinhonha. Ele mendiga biscoitos e cachaça.

Sabino já trabalhou para a fazenda do dr. Luís. Ele diz: “Lá eu não dei sorte. Qualquer coisa era bater na gente. Tinha uma turma armada atrás da gente. Não consegui arranjar trabalho com essa turma que morreu lá nos índios. E, eu podia estar enterrado também. Mas não ia ter importância. Minha família nem sabe por onde eu vivo. E eu queria voltar pra minha terra com dinheiro daqui de Mato Grosso e trabalhar na praça com um Jeep. Mas nunca consegui botar mão no meu dinheiro”.

A imagem do peão das fazendas de Mato Grosso: bêbado, desde às 8 horas da manhã, caído próximo ao campo de pouso como Sabino, ou fugindo pelo mato, vestido apenas com a cueca “Zorbinha” toda suja de sangue, como Délio, após participar, inconscientemente, de uma tentativa dos fazendeiros para apoderar-se de território indígena.

O secretário nacional do CIMI, Paulo Suess declarou: “Nós lamentamos muito esse confronto entre índios e peões, que na realidade devem se juntar para expulsar os latifundiários. O fato ocorrido mostra que não basta apenas se demarcar as áreas, mas também que o índio aprenda a reconhecer seus verdadeiros inimigos. Na verdade, os peões são os escudos dos grandes latifundiários”.



Délio, o peão ferido, quando falava ao PORANTIM no Hospital de Base de Brasília

FAZENDEIROS DE BANG-BANG JOGAM A CULPA NA FUNAI

Na balança do armazém São Domingos, do fazendeiro Jerônimo Alves Filho, um aviso para a população de S. José do Bang-Bang, um lugarejo de mil almas que carece de jornal: “Amanhã (14 de agosto), reunião com o presidente da FUNAI, senadores e fazendeiros, às 10 horas”.

Os senadores, prudentes, não deram o ar de suas graças, o que motivou o comentário do fazendeiro Luis Carlos da Silva Lima: “vou retirar o meu apoio do PDS”. Mas em compensação, o coronel Nobre da Veiga compareceu antes das 10 horas acompanhado de agentes da Polícia Federal, do SNI e do procurador do Estado do Mato Grosso, além dos subalternos da FUNAI: o diretor do DGPI, coronel Cláudio Pagano; do DGPC, coronel Ivan Zanoni Hausen.

Estes eram os atores, incompletos sem a presença dos índios Txukarramae que ficaram furiosos porque Nobre da Veiga não apareceu em sua aldeia conforme prometeu, preferindo discutir com os fazendeiros e não com os próprios índios. O palco, o próprio armazém. A platéia, com entrada grátis, era formada por bêbados habituais do povoado de S. José do Xingu, mais conhecido como S. José do Bang-Bang ou simplesmente Bang-Bang. Todos encenaram os papéis que deles se esperavam, durante as três horas que durou o espetáculo, inclusive a platéia que aplaudia ou viajava.

Os coronéis gritaram com os fazendeiros. Os fazendeiros gritaram com os coronéis. Mas, apesar do sugestivo nome do povoado, não houve troca de tiros, porque as divergências eram apenas metodológicas já que quanto aos objetivos todos queriam a mesma coisa: uma fórmula para preservar as terras dos referidos fazendeiros.

FÓRMULAS

O objetivo da reunião era tratar da morte, a bordunada, de 11 peões que, contratados por um fazendeiro, desmatavam a área dos Txukarramae. E ainda discutir como é que a situação ficava depois de tudo aquilo. Diante dos enviados especiais da grande imprensa, os fazendeiros não hesitavam em deplorar “a morte dos nossos irmãos peões”.

O presidente da FUNAI tirou logo do colete duas fórmulas para solucionar o conflito: 1º. que se desviasse um trecho de 330 km. da BR-080 que faz a ligação de Barra do Garças à rodovia Cuiabá-Santarém. Este trecho cortou o Parque Nacional do Xingu no início da década atual; 2º. que se criasse uma zona neutra de amortização entre fazendeiros e índios, de 15 km., estabelecendo uma reserva florestal do IBDF. Com esta última proposta, os índios perdem pelo menos 25 km. do seu território.

Mas os fazendeiros não gostaram e reagiram com virulência. Não só rejeitaram as propos-

tas como exigiram a reativação da BR-080, semi-paralisada desde março de 1979 por determinação do Ministério dos Transportes. Luis Carlos da Silva Lima, proprietário da fazenda São Luis e responsável pelo envio dos peões para a área indígena, fez um longo discurso não aplaudido pelos bêbados, que terminou assim:

“Não aceitamos de forma alguma a resposta do Governo. Ela é uma afronta ao povo brasileiro! (assim mesmo!) Por povo brasileiro, o Sr. Luis Carlos entende apenas os fazendeiros, evidentemente. Ele prosseguiu: “Para que construir outra estrada? O Governo não está sem dinheiro? Se tem dinheiro sobrando — confesso ele, tentando ironizar — o Governo devia nos dar”. E admitiu o velho hábito: “Por que vocês não dão esse dinheiro para a gente?” Sua proposta tinha um sentido já que, como ele mesmo disse, “esta região é hoje considerada como de prioridade econômica pelo governo e a prova disto é que recentemente foram liberados vultuosos recursos para empréstimos aos fazendeiros locais”.

CULPA DA FUNAI

Os fazendeiros alegavam que não são marginais e que “foram convocados pelo próprio governo para investir na Amazônia”, conforme falou Hélio Russo, fazendeiro paulista que diz ter comprado as terras quando se começou a construir a estrada.

Luis Carlos da Silva Lima, que também é advogado com escritório em Goiânia, mais tarde, em entrevista ao Diário da Manhã, declarou que “a culpa de tudo é da FUNAI”. Como prova ele exibiu a Certidão Negativa de nº. 00027, expedida pela FUNAI em 1973 e assinada pelo seu presidente na época, general Bandeira de Melo, atestando a inexistência de indígenas na área que Luis Carlos diz ser da sua fazenda.

Para Luis Carlos, “A FUNAI sabia que os índios fariam um ataque às fazendas da região, pois fora avisada pelo dono do armazém de Bang-Bang e nada fez para evitar o incidente”. Mas, no final, os fazendeiros desesperados abriram o jogo e disseram o que pensavam: “A culpa é de dom Pedro Casaldaliga que insuflou os índios”. Nobre da Veiga também recuou e disse: “É, vamos acabar com essa história dos índios estarem exigindo tudo”. Ele prometeu ainda “enviar a polícia do Mato Grosso para dar proteção a vocês todos”. Na verdade, entre a polícia de Mato Grosso e o exército particular montado pelos fazendeiros, composto de jagunços, não se sabe o que é pior para os índios. No final de toda a História, após a reunião de Nobre da Veiga com os índios, tudo voltou à estaca zero. Mas, para o ex-diretor do PNX, Olímpio Serra, enquanto houver esta indefinição de limites territoriais, continuará havendo muitos conflitos”.

Conflitos no Xingu

Líder indígena conta como foi o conflito

ARUIAVI: "EU PARTICIPEI. EU SOU ÍNDIO. EU SOU TRUMAI"

Nobre da Veiga: "Você não podia ter participado disto. Você é funcionário da FUNAI. Comporte-se como funcionário.
 Aruiavi: Eu participei. Eu sou índio. Eu sou Trumai.
 Nobre da Veiga: (colérico, gritando): Você é funcionário da FUNAI. Fun-cio-ná-rio (separando as sílabas).
 Aruiavi: (colérico, gritando): Eu sou índio. Eu sou Trumai.
 Nobre da Veiga: (possesso): Você vai ser demitido.
 Aruiavi: (firme) Pode demitir. Mas eu não posso ver a terra do meu povo sendo invadida e ficar de braço cruzado.



Aruiavi, o líder Trumai, quando lia O PORANTIM após a entrevista.

Trumai. Ai ele ficou com mais raiva ainda e disse: Você vai ser demitido. Eu disse: Pode demitir. Mas eu não posso ver a terra do meu povo sendo invadida e ficar de braço cruzado. Eu fui mesmo e vi tudo. Eu não matei ninguém, mas vi tudo. Ai, o Mekaronty disse pra ele: "Se você demite o Aruiavi, também me demite".

"O presidente da FUNAI disse que a Polícia Federal tava atrás de quem matou, querendo dizer que pra me prender. Ai o Raoni disse, gritando: Então chama logo toda a Polícia Federal pra prender todo mundo".

"Depois disso, a gente se acalmou e discutiu calmo. Mas eu pensei: é, dizem que demite, mas não demite os brancos que são contra os índios como o Chico (Francisco de Assis, administrador do Parque Nacional do Xingu). O Chico já ameaçou me matar. Quando ele era chefe de Posto na Ilha do Bananal, ele dava murro no peito dos Karajá. Mas ele ninguém demite. Agora, pra mim, a única coisa que podem fazer é cortar o salário, não podem me tirar de lá porque eu sou Trumai, eu sou índio". Eu estou sempre do lado do meu povo, na luta, se preciso for, até à morte".

O ACORDO

"Na reunião com a gente, o presidente da FUNAI disse que ia desviar a estrada, mas não disse quantos Km. A gente fica em dúvidas com tantas promessas. Ele pediu ao Raoni que deixasse os fazendeiros passar até o dia 1º de julho de 1981, que a partir desta data ele mudaria o traçado da estrada. Ele disse que ia conversar com os fazendeiros, mas não apresentou nada de verdade, de concreto. Por isso o Mekaronty disse pro sr. Nobre da Veiga que a gente não podia fazer nenhum acordo sem consultar antes nossos povos, os antigos chefes. Temos de fazer reunião, assembleia, pra todo mundo decidir. O presidente da FUNAI pensa que a gente é burro. Se fosse roubar as coisas da casa dele, ele não gostava. Nós também não gostamos".

A opinião dos fazendeiros

"ÍNDIO É CACHORRO"

O clima em Bang-Bang, já habitualmente tenso, ficou mais pesado ainda no mês de agosto. O fazendeiro Luis Carlos incitava abertamente os demais fazendeiros contra os índios, como o fez também o sargento Leal, sub-oficial da FAB, o primeiro elemento da FUNAI a chegar na área depois da morte dos peões. Ele dizia aos fazendeiros: "Lembrem-se do que aconteceu em Pimentel Barbosa, quando os Xavante acabaram tomando a fazenda".

Circulou em Bang-Bang a informação de que um dos 8 aviões que pousaram no dia 13 de agosto lá estava carregado de armas para os fazendeiros. As frases pronunciadas durante a reunião são dignas de uma antologia racista anti-índio.

Fazendeiro Luis Carlos: "Eu concordo que o índio tem direito à vida, mas é preciso se compreender que ele é um animal, precisa ser educado. Se fizermos todas as suas vontades, ele não se educará nunca. Caso o Governo ceda às exigências, isso será um prêmio ao massacre".

Outra frase contraditória do mesmo fazendeiro: "O índio não é mais aquele do Estatuto do Índio, um incapaz; hoje, eles são em tudo iguais ao branco, com uma única diferença: podem fazer o que lhes der na cabeça".

Fazendeiro Moacir Prata Pereira (gritando: pode escrever isso aí que eu assino): "Índio é igual a cachorro. Eles todos são andarilhos, ladrões preguiçosos, assaltantes. Mighas galinhas tem melhores condições do que eles".

O mesmo Moacir Prata, dono da fazenda Boa Esperança: "Se algum índio aparecer na minha terra, eu mato sem pensar".

Fazendeiro Hélio Russo: "Isto é uma guerra. Podemos, cada fazendeiro dar um milhão de cruzeiros e, juntando cem milhões, comprarmos os armamentos mais sofisticados... Nós vamos mostrar a eles que também nós sabemos matar".

Fazendeiro Hamilton Oliveira, dono da Fazenda Santa Rita: "Eu não gosto de índio e não tenho segurança. Ou se toma uma medida definitiva ou serei obrigado a colocar gente que cuide de minha segurança nas terras".

Luis Carlos da Silva Lima chegou a dizer: "Não adianta filosofar. Acho que somente o Exército poderá solucionar os conflitos. Nos Estados Unidos, os problemas com os silvícolas só foram solucionados com a Polícia Militar. É certo que morreram muitos índios..." (R.B.)

A opinião da CNBB e da SBI

"RECONHECER A EXISTÊNCIA DAS NAÇÕES INDÍGENAS"

Diante da crise do Xingu, o secretário-geral da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida, assim como a Sociedade Brasileira de Indigenismo (SBI), fizeram pronunciamentos reafirmando os direitos indígenas de serem respeitados como nações, garantindo a autodeterminação.

"Dois pontos são importantes: primeiro, o reconhecimento da existência de nações indígenas, com suas características próprias e seu direito à sobrevivência. Isso implica na demarcação de terras e na criação de parques que assegurem a vida própria dos indígenas; segundo, para evitar constantes desencontros e até a morte de inocentes indígenas, posseiros e peões, é indispensável a urgente demarcação das terras e o cumprimento dos acordos e promessas, alguns bens antigos.

Neste caso, entendemos melhor a situação Txukarramãe diante do corte de seu parque, a atribuição de títulos na área indígena e o impasse de trabalhadores contratados na área belicosa.

Embora só lentamente a sociedade tenha despertado para o reconhecimento da dignidade do índio e de seu direito à vida, hoje não podemos mais deixar de respeitar as nações indígenas brasileiras, criando condições eficazes para a existência dos parques, sem os quais o índio será definitiva e injustamente destruído". (CNBB)

FUNAI É CULPADA

A Sociedade Brasileira de Indigenismo divulgou nota responsabilizando a FUNAI pela morte dos onze peões no Xingu afirmando que o ataque foi motivado pela não garantia das terras indígenas e pelo fato de a FUNAI manter na direção do Parque do Xingu "pessoa não qualificada no trato da questão indígena". A nota lamenta que a FUNAI tente transferir a responsabilidade de seus erros no Parque Xingu para o cacique Raoni.

Este diálogo ocorreu no início das negociações no dia 13 de agosto, entre o presidente da FUNAI e os líderes indígenas do Xingu para resolver o conflito que culminou com a morte de 11 peões no último dia 8 de agosto. Nobre da Veiga ameaçou até com a Polícia Federal, mas pegou uns gritos do cacique Raoni e se calou.

Aruiavi, 31 anos, 5 filhos, líder do povo Trumai, é maquinista de lancha da FUNAI no Xingu. Apesar disto, ele participou diretamente da expedição contra os fazendeiros na defesa de seu território. Em entrevista ao PORANTIM, no dia 14 de agosto, nos corredores da FUNAI em Brasília, ele contou como foi o ataque, como os "índios tem consciência de que os peões não são os culpados", e opinou sobre o acordo.

O ATAQUE

"Os peões estavam derrubando a mata a 4 km. do Xingu. O jornal disse que era a 15Km. mas não era, era 4 Km., bem pertinho mesmo. Ai, o Raoni mandou que a gente fosse lá e mandasse os peões embora. Éramos 91 índios de 6 povos, mas tudo parente: Txukarramae, Trumai, Suiá, Juruna, Kalabi e Kreen-Akore. Os peões tavam derrubando nossa mata. O Raoni mandou a gente ir lá, meter medo neles e tomar as ferramentas. Ninguém ia matar eles. Só meter medo. Mas ai uns peões gritaram, xingaram, chamaram a gente de vagabundo e preguiçoso. Ai a gente falou: vamos botar os peões nus, dar uma surra de leve e mandar eles embora. Ai, começaram a bater devagar, ai eles xingaram, ai começaram a bater forte. Deixaram escapar um justamente para ele ir contar pros outros. A Polícia Federal veio depois, retirou os corpos. Foram enterrados ali mesmo. A FUNAI foi quem levou a Polícia Federal".

"Depois que saímos de lá passaram dois carros pela estrada. Os Txukarramae gritaram e não passaram: a estrada estava interditada. Disseram: "Var... matar os homens desses carros também. Mas como os outros não tinham chegado, nós sentamos na beira da estrada para esperar. O Bedjai ainda não tinha chegado, estava lá atrás com os outros. Ai veio outro carro, com o balseiro. Disseram: Vamos pegar este. Ai pedimos uma carona até à beira do rio. Perguntamos: — e os dois carros que passaram antes? O balseiro disse: É de longe, é da fazenda PIUM. — Você dá uma carona pra gente? O balseiro: — não tem gasolina. Ai a gente viu no tanque, tava vazio. Ai eu disse: deixa ele ir embora. Ele foi. Quando o Bedjai chegou, contamos pra ele, o Bedjai disse: Devíamos ter matado este balseiro, porque ele é ruim".

"Depois, nós fomos até a beira do rio. Os Txukarramae furaram a balsa com talhadeiras, nos dois lados. Quando a água começou a entrar, empurraram a balsa pro meio do rio e a balsa afundou. Furaram a balsa porque é a estrada que dá dor de cabeça pra gente. Sem balsa, ninguém passa mais, porque só tinha uma balsa. Ai, nós voltamos pro Kretire de canoa. Pintados de preto, se dançou a noite toda".

OS PEÕES

"Os índios tem consciência de que os peões não são culpados. Culpados são os fazendeiros que mandaram os peões. Mas, como os peões é que estavam desmatando, cortando nossas árvores e xingaram, então o pessoal perdeu a paciência. A gente ficou com pena dos peões mortos mas ao mesmo tempo foi também bom, porque serve de exemplo, agora quando os fazendeiros mandarem os peões, eles vão ter medo. Os Txukarramae sabem que os peões são uns coitados, mas não deu pra unir índios e peões contra fazendeiros, porque os peões tavam muito nervosos. Agora, a UNIND pode ajudar muito se reunir todo mundo e discutir o que fazer. É bom ir mais gente, mais índio do Xingu pra reunião de setembro da UNIND".

A NEGOCIAÇÃO

"A FUNAI: não gosta que a gente participe de reunião. Outro dia o pessoal do DGO me disse: "Você não pode participar da reunião dos estudantes (índios que estudam em Brasília e criaram a UNIND). Nós não gostamos". Eles vivem falando que demitem a gente. O presidente da FUNAI, aqui em Brasília, disse que ia me demitir. Ele não gostou porque eu fui com os Txukarramae lá pra confusão. Ele disse que eu não podia ter participado: Você é funcionário da FUNAI. Comporte-se como funcionário. Eu disse: Eu participei. Eu sou índio. Eu sou Trumai. Ele ficou com muita raiva e gritou: Você é funcionário. Repetiu. Ai eu gritei também: Eu sou índio. Eu sou

Para Mekaronty fazendeiro devia morrer e não peões

Cabelos compridos e lisos, 27 anos, Mekaronty, líder Txukarramae, sobrinho de Raoni, estava em São Paulo onde fora buscar sua mulher gestante que estava tendo um filho. Recebeu um telefonema da FUNAI, chamando-o urgentemente à Brasília; até então ele continuava sem saber que 11 peões haviam sido mortos no conflito e só foi informado vendo o noticiário da TV.

No momento em que o PORANTIM encontrou Mekaronty, dia 14 de agosto, quinta-feira, 11 horas da manhã, ele estava na sala de comunicação social da FUNAI dando entrevista ao editor-assistente da VEJA, sucursal de Brasília, Luis Cláudio Cunha, sob o olhar atento de dois subalternos da FUNAI: Srs. José Coelho e Sylvio Reiner.

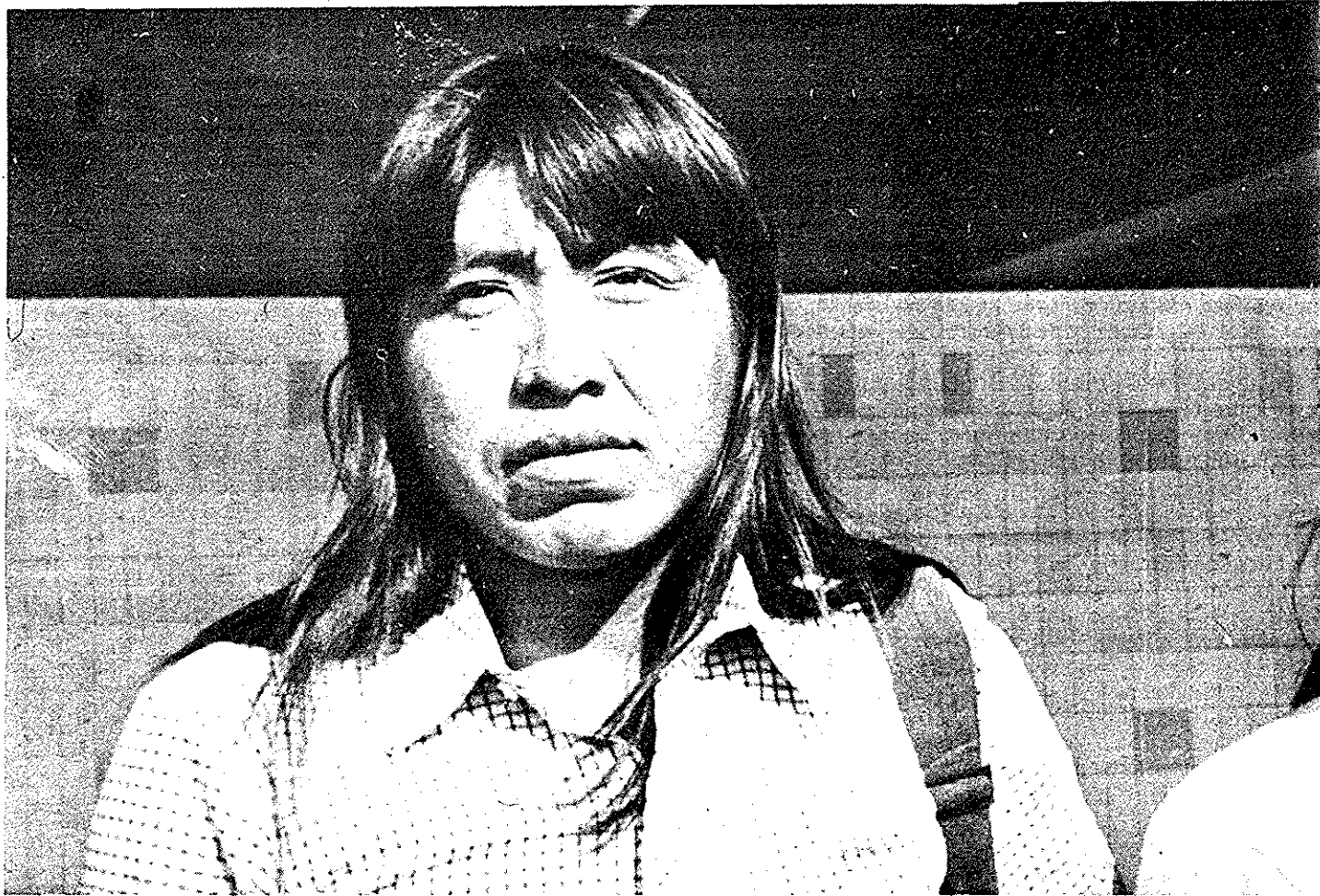
Os repórteres do PORANTIM se identificaram e os dois subalternos da FUNAI pediram que esperassem. Chamaram Mekaronty em particular e, tikiti-tikiti-tikiti, cochicharam no ouvido dele. Mekaronty voltou e sob o olhar agora duro dos dois subalternos disse que estava muito ocupado, que não podia dar entrevista ao PORANTIM (mas continuou falando a VEJA, com a permissão dos dois subalternos). Tudo bem. Convidados a retirar-se da sala, os dois repórteres do PORANTIM saíram e ficaram "de tocaia". Acabaram entrevistando Mekaronty em plena estação Rodoviária.

Mekaronty exerce atualmente funções de chefe de Posto no Kretire — Parque Nacional do Xingu, mas recebe da FUNAI um salário de armazenista, muito baixo por sinal. Apesar de sua ligação com a FUNAI, o líder Txukarramae botou quente na entrevista, afirmando que lamentava a morte dos peões: "se fosse fazendeiro, a gente deixava matar sem muita pena, mas peão está pior do que nós". Deu ainda uma espinhação ao presidente da FUNAI e disse que não existe acordo nenhum.

PROMESSA OU ACORDO?

P. O que você achou do tratado de paz assinado com a FUNAI? Você participou das reuniões, não foi?

R. Oh, rapaz, esse presidente, rapaz, fala muito rápido e depressa. Logo que começou a reunião com o presidente, ele começou a gritar. Ai, meu tio Raoni também ficou nervoso e gritou também. Daí eu pedi para o presidente falar com calma e explicar tudo. Mas nós, eu e meu tio, não estamos de acordo com o acordo. A gente tem de voltar pra aldeia e falar com os outros chefes: Trumae, Juruna, Kaiabi, Suiá, Kreen-Akore que participaram desta briga. Os chefes



Mekaronty, líder Txukarramae, foi pressionado para não dar entrevista ao PORANTIM, mas assim mesmo falou

antigos tem de dizer o que eles acham do acordo. Nem adianta eu e o meu tio fazer o acordo, porque se os outros índios não gostam, a confusão continua a mesma.

P. Então, em princípio, não existe acordo nenhum: existe só essa promessa?

R. É. Só essa promessa. Até o 1º. de julho do ano que vem, a estrada vai mudar de lugar, vai passar em outro lugar. Também, a FUNAI prometeu que vai demarcar essa parte aqui de 15 km (indica no mapa a margem oposta do Xingu ao Posto Jarina, ao norte da BR-080)

P. É isso o que vocês queriam?

R. Não. O meu tio Raoni quer 40 km. como está na lei. Está na lei: 40 Km. dos dois lados do rio. Mas eles falaram só 15 ou 20 Km, então ninguém está contente com isso.

P. Com relação ao desvio da estrada, por onde ela vai passar?

R. Aqui na primeira cachoeira.

P. Mas o Raoni diz que não. Ele quer que passe na segunda cachoeira, pegando inclusive o rio Liberdade. Ele disse mesmo: "Liberdade vai ficar comigo aqui"...

R. Eu não conheço bem, mas deve ser. Eu nasci por aqui (indica no mapa), nas cabeceiras do rio Liberdade. Eu sei que é terra nossa, mas isso aqui (indica o traçado reivindicado por Raoni) nós nunca vamos conseguir, porque a FUNAI não vai deixar. Agora, o presidente da FUNAI disse que a estrada vai passar aqui, antes da primeira cachoeira, mas nós queremos um pouco depois da primeira cachoeira. Porque se a estrada passar no Kapoto, vai continuar a ter confusão. Pelo menos isso nós vamos conseguir, porque já tomamos a fazenda que invadiu esta parte.

P. Por que você acha impossível obter tudo o que o Raoni quer?

R. Eu não sei. É difícil a FUNAI ceder tudo, já tem muita fazenda lá dentro. É direito nosso, mas eles não vão concordar em ceder tudo.

P. Se o pessoal não aceitar o que a FUNAI está prometendo, o que se vai fazer? Como os índios vão reagir?

R. Eu não sei. O pessoal vai reunir, vai ter de decidir. Nós tamos prontos pra enfrentar os fazendeiros. Vamos esperar só até julho de 1981. Meu tio disse que vai lutar até morrer, se for preciso, mesmo que a FUNAI não resolva, mas ele vai lutar. Ai, se ele morrer, se a gente morrer, os fazen-

deiros podem tomar conta da terra. Enquanto a gente tiver vivo, a gente vai lutar.

P. Lutar contra os peões? por que mataram os peões?

R. Não era pra matar. Se fosse fazendeiro, eu também deixava o pessoal matar. Mas peão tá numa situação pior do que nós, sofre mais que nós.

P. Você acha que a UNIND pode fazer alguma coisa pra ajudar vocês?

R. Eu sei da reunião que vão fazer em setembro, mas não tenho contato ainda. Eu sempre penso ir nestas reuniões, mas eu nunca consigo, falta contato, não pude participar. Eu acho bom, muito bom a idéia da UNIND, todo mundo briga junto. Do jeito que nós tamos... a gente precisa unir nosso pensamento. Muitas vezes a gente não participa dessas reuniões por falta de condução, de transporte. É tudo muito longe.

P. Por que você não usa o Akokakô?

R. Oh, rapaz, nós não usa não. Nós novos já não usa mais.

P. Por que? O Raoni disse que era pra ficar mais valente...

R. Pois é. Os antigos usavam. Mas nós não.

(R.B e P.S)

Voz do índio

Com o seu batoque engravado no lábio inferior e carregando uma borduna, Raoni, o cacique Txukarramae, passeou nesse mês de agosto passado sua imponente figura de guerreiro pelos corredores dos Ministérios, pela Estação Rodoviária e pelas quadras e super-quadras de Brasília, impressionando os pacatos funcionários públicos e arrastando atrás de si legiões de fotógrafos. Nem o ditador da Argentina, gal Videla, em visita ao Brasil recebeu tanta atenção da imprensa, que apesar dos equívocos, tratou Raoni com honras de chefe de nação.

Raoni, o chefe do povo Txukarramae, estava na Capital Federal para negociar com o Estado brasileiro encarnado na pessoa do cel. Nobre da Veiga, a paz da última guerra onde 11 peões morreram a golpes de borduna no dia 8 de agosto. Como um refinado diplomata, ele negociou a garantia do território invadido por dezenas de fazendas. Leal ao seu povo, Raoni deu uns gritos no cel. Da Veiga, quando achou necessário. Inteligente, ele percebeu toda a jogada de falsas promessas da FUNAI, cujo presidente "fala uma coisa bom e depois ele fala outra coisa ruim". Dialético, Raoni não assinou nenhum tratado de paz, porque nas promessas da FUNAI "eu acredito um pouco e não acredito muito não". Estrategista, ele lamentou a morte dos peões: "se fosse fazendeiro, não tinha problema", e demonstrou ter uma visão global da luta de todos os povos indígenas no Brasil. Na entrevista exclusiva ao PORANTIM, concedida em um quatinho na Casa do Ceará (Brasília), Raoni, com voz doce e suave, explicou que quer a Br-080 desviada, abarcando o rio Liberdade, onde nasceu.

Raoni: Liberdade vai ficar comigo aqui

P. Como é que onze peões foram mortos de repente? Quando começou esse conflito?
 R. Quando o fazendeiro começou a derrubar o mato, faz tempo. Fazendeiro derrubou dois km de mato aqui (indica com o dedo no mapa perto do posto Jarina). Então, o meu povo foi caçar. Ai, o Bedjai, meu sobrinho, foi lá e escutou barulho da moto-serra. Ai, ele perguntou pro Anibal (o balseiro da Br-080): Oh, Anibal disse: tem sim, eu escutei barulho de moto-serra. Então, o Bedjai contou pra mim, né: olha, tem gente derrubando mato lá no Pirarajú. Então eu fui com o branco, com o Anibal, mais o meu companheiro. Nós descemos aqui (indica no mapa). Ai, encontramos o pessoal derrubando mato. Chegamos lá, os caras com medo de mim, tudo com medo de mim. Eu falei pra eles: não, não tem medo não. Pode voltar aqui que eu quero falar com você. Então, ele voltou. O Anibal conversou com ele, depois eu conversei com ele assim: "você pode procurar outro lugar, você pode encontrar mato, terra, você pode fazer roça, fazer casa, plantar capim, criar boi. Mas fora daqui. Aqui não. Aqui você não pode voltar mais, você não pode fazer isso na beira do Xingu. Então o cara falou pra mim: Você é o dono das terras, né, mas patrão nosso que mandou a gente trabalhar aqui. Então, eu disse: essa terra é nossa mesmo. Ai eles saíram, arrumaram as coisas e foram embora. Nós voltamos pra aldeia e falamos pra Funai, pro diretor do Parque, o Cico (Chico, Francisco de Assis da Silva, administrador do Parque Nacional do Xingu).
P. Então quer dizer que a FUNAI já sabia de tudo há muito tempo? Porque se a FUNAI já sabia, não fez nada para impedir a guerra?
 R. É. Um dia, o diretor do Parque, ele foi lá, o Cico. Nós descemos junto com ele. Procuramos, procuramos e não encontramos ninguém no acampamento que estava desmatando. Então, o diretor do parque falou pra mim: não, eu já vou embora. Eu vou embora, mas aqui é terra de vocês. Ele falou assim. E foi embora.
P. Ele não resolveu nada? E o que você fez?
 R. Não. Ai, dez dias depois subi pra outro lugar, pro Diapurum. Eu fiquei esperando avião pra mim visitar o presidente da FUNAI e contar tudo pra ele. Então, eu mandei rádio duas vezes pro presidente da FUNAI mandar avião pra mim ir falar com ele. Esperei três semanas e avião não foi lá. Então, tava aqui no Diapurum um primo meu, o Molkora. Ai, ele disse que os caras tinham voltado pra derrubar o mato. Ai, ele foi e contou pro pessoal lá. Então, o Bedjai — ele fala rádio, né? — ele contou pra mim: "Meu tio, os caras já voltou de novo, não foi embora não. Então, ele perguntou pra mim: meu tio, o que a gente pode fazer? Ai eu falei: você que sabe. Ai ele falou: não, você que toma conta de nós, você que sabe. Ai eu pensei, né: bom, pra mim, eu vou falar uma coisa pra você. Você vai junto com outras pessoas também, Kalabi, Sulá, Trumae, Juruna, pra ajudar vocês a botar pra fora os fazendeiros. Eu pensei que eles não iam matar. Eu gostaria de ter ido junto com o meu pessoal, mas eu estava no Diapurum esperando avião. Então o pessoal meu foi embora. O Cico então disse: você não vai. Você pega avião e vai pra Brasília. Ai eu fiquei com o Cico e fui lá pra cima minha aldeia esperar o avião. Cheguei lá às 8 horas da noite. Lá, minha mulher falou pra mim: "Nosso filho foi junto com o pessoal". Então, 9 horas da noite eu fui descer a lida atrás do meu criança. E desci e encontrei o pessoal que estava voltando. Já tinham brigado. Foi isso. Foi assim".
P. Depois, o pessoal afundou a balsa...
 R. É. Afundou. Afundamos a balsa pra deixar mais gente passar nas estradas.
P. Então, vocês vieram pra Brasília, reuniram com o presidente da FUNAI e ele prometeu desviar o traçado da Br-080?
 R. Olha, a FUNAI falou pra mim que vai chegar. Ai é que ele vai mudar a Br-080. Ai, ninguém passa mais lá. Antes, o mato não foi demarcado muito bem. Tá errado. Queremos que demarque direito, direitinho. Ai seria bom pra nós, índios do Xingu, como antigamente nosso avô que morava no mato.

P. Você acredita nessa promessa da FUNAI?
 R. Olha, eu acredito um pouco e eu não acredito muito não. Eu acredito só um pouquinho. Eu vou ver se ele vai fazer bem pra nós. Só acredito mesmo quando fizer.
P. E por onde vai passar a estrada, segundo a promessa da FUNAI?
 R. (indicando no mapa) Está aqui a Br-080. A cachoeira primeira é aqui (aponta a Von Martius). Nós tamos pedindo que demarque depois da segunda cachoeira, aqui (ponta com o dedo) senão vai dar problema.
P. Mas os fazendeiros dizem que a terra é deles?
 R. (Irônico). Olha, eu aprendi o português, a língua de vocês e sei nossa língua, eu sei o que é bom e o que é triste, o que é verdade e o que é mentira. Meu pessoal sabe que os brancos tão acabando nós, nosso mato, nossa terra, triste mesmo. Fazendeiro quer briga, nós não quer briga. O presidente da FUNAI disse: olha, você tá acostumado com o branco, você já mudou. Agora não. Temos de acabar com essa briga. Então, eu falei pro presidente da Funai: "Você acredita em nós agora. Muito tempo que você não acredita. Eu sei a vida de vocês é diferente, a nossa vida é diferente dos brancos. Eu sei isso. Você pensa que índio não pensa nenhuma coisa? Índio pensa coisa boa, coisa ruim, coisa triste. Então eu falei com o presidente da FUNAI: então, o branco muito tempo tava matando índio, matando muito índio mesmo, como minha avó, avó de índio. Mataram o avô de meu pai. Se a FUNAI toma conta do nosso índio, precisa entender bem nossa tribo, onde ela mora, o que ele quer. Quando o fazendeiro entrar em nossa terra, FUNAI deve dizer: por favor, procura outro lugar, volta pra lá, isto aqui é terra dos índios. Você procura outro lugar. Eu gostaria que a FUNAI vai falar assim com os fazendeiros.



P. E você acha que o presidente da FUNAI entende vocês?
 R. Capaz que sim. Eu não sei. Eu entendo bem ele. Não sei ele entende bem de mim. Eu não sei. Eu vou ver. Ele fala bom, depois ele fala coisa ruim.
P. O que ele falou de ruim nessa última reunião?
 R. Ele falou que o meu primo, o Arulavi, Trumae, que ele não devia ter ido contra os peões pra defender nossa terra. Ele disse: A Polícia Federal tá procurando quem levou pessoas lá pra matar os peões. Ai eu não gostei do que ele falou. Ai eu falei pra ele: "Bom, presidente da FUNAI, você quer que a gente seja preso aqui, você chama a polícia e prende todos nós aqui. Eu tou aqui. Eu sou homem. Você também é homem. Falei assim, né? Ai ele disse: você não pode gritar assim. Eu disse: "Você que falou lasc. Você pensa que eu é menino. Eu sou homem e vim conversar com você, sério sobre nosso problema."
P. Você disse que os brancos mataram seus avós. Mas que branco?
 R. Foi os portugueses, né. Portugês matou muito índio.
P. Mas e agora?
 R. Agora é fazendeiro, seringueiro, castanheiro, garimpeiro que matam os índios. Índio Kalingang morreu. Terena morreu. Guajajara morreu agora na mão dos fazendeiros. Os fazendeiros estão acabando com todo índio. Agora, estou muito preocupado com o meu povo, todo mundo, não é só o meu pessoal. Txukarramae, tou preocupado com todo mundo, todo índio.
P. Você nasceu onde?
 R. Eu nasceu em Kapotop. Por ai tem Kapoto? (procura no mapa). Kapoto é aqui (indica perto do Posto Jarina).
P. Mas esta terra está fora da área do Parque?
 R. Pois é, ficou fora. Foi ai que eu nasceu. Meu pai e minha mãe moravam aqui, no rio Liberdade. Sempre meu pai morreu aqui, no rio Liberdade. Depois, meu pai morreu no rio Liberdade. Minha mãe morreu no rio Liberdade. Minha filha nasceu no rio Liberdade...
P. E por que vocês saíram do rio Liberdade?
 R. Ah, porque chegou uma fazenda aqui; ai eu sai pra morar aqui (mostra no mapa); depois FUNAI pediu que a gente saísse de lá e fosse pra onde a gente está.
P. Mas os jornais disseram que você quer que a estrada seja desviada pra passar em cima da primeira cachoeira. Você diz agora que quer que seja em cima da segunda cachoeira, pegando o Liberdade. Como é isso?
 R. É. Eu quero. Aqui é o rio Liberdade, onde eu nasci. Então, a estrada deve mudar para cá (indica no mapa) por cima do rio Liberdade. Ai é muito bom pra nós. LIBERDADE VAI FICAR COMIGO AQUI. Quando passar aqui (indica o rio Liberdade) ai não tem mais problema, não tem confusão. Se não, um fica triste, outro triste, outro triste, confusão demais.
P. E essa festa depois da morte dos peões? Como é a festa?
 R. Ah, sim. Sei. Nós quando a gente pinta de preto, é que vai fazer guerra com outro gente; depois chega na aldeia, cantando, cantando, até chegar na aldeia. Então cada parente...depois fica só homem. Ai fica todo mundo junto pra fazer festa. (durante cinco minutos, Raoni canta em Txukarramae o primeiro Akarokri da noite).
P. É uma festa alegre ou triste?
 R. É uma festa de luta, quando a gente vai fazer mais força.
P. Você ficou alegre com a morte dos peões?
 R. Quem mandou os peões foram os fazendeiros. Coitados né? Mas como eu falei pra vocês, se eu vai junto, eu não deixava peões morrer. Coitado não, então eu falei pro meu pessoal: vocês não podem matar peão de fazenda, coitado né? Eles tem de trabalhar com patrão deles pra ganhar dinheiro pra comprar coisa pra vida deles. Eu falei isso né. Mas quando o pessoal chegou lá, teve dois caras, né, que falou que índio é bobagem, vagabundo, galinha, cachorro. Então o pessoal ficou bravo e matou logo. Mas eu não gostei. Se fosse um fazendeiro, não tinha problema. Eu pode brigar com fazendeiro sem problema.
P. Raoni, pra terminar, gostaria que falasse de você. Quantos anos você tem?
 R. Eu não sei não. Quando eu era rapaz novo já conhecia o Orlando e o Cláudio (Vilas Boas).
P. E filhos? quantos você tem?
 R. (conta nos dedos) Nove filhos. (volta a contar): 3 homens, 3 mulheres e morreu dois homens e uma mulher. Um homem e uma mulher morreram de doença, de malária. O outro homem morreu de trovão, pegou um choque, um ralo e morreu.
P. Como é que vocês chamam isso (aponta pra batoque)?
 R. Ah, em nossa língua, chama Akokakó.
P. E por que você usa o akokakó?
 R. A gente usa pra ficar mais valente, ter mais força e coragem.
P. Mas o Mekarony, seu sobrinho, é Txukarramae e não usa o akokakó?
 R. Ah, o Mekarony não tem, porque agora ninguém mais que é jovem usa. Depois que apareceu o branco, ninguém mais usa o akokakó.
P. Quer dizer então que com a chegada do branco, a perda do akokakó, os jovens já não têm a mesma coragem que você tem?
 R. (uma longa e prolongada risada)
P. Você deu uma borduna de presente ao Nobre de Veiga?
 R. É. Eu dei. Ele pediu, eu dei.
P. Você não tem medo que ele use contra você?
 R. (outra longa risada) Capaz que sim. Capaz que sim.
 (R.B. e P.S.)

Parque do Xingu

OS DECRETOS, A DEMARCAÇÃO E A ESCALADA CONTRA O PNX

De 1950 a 1954, quando já existia um projeto encaminhado ao Governo Federal para a criação do Parque Nacional do Xingu, (PNX) o Governo do Estado do Mato Grosso loteou a área em questão. Devido a pressão de antropólogos, missionários, indigenistas e estudantes, o então presidente Jânio Quadros assinou, no dia 14 de abril de 1961 o Decreto n.º. 50.445, que cria o Parque Nacional do Xingu.

O decreto de Jânio ficou muito aquém dos reais direitos dos povos indígenas, deixando de fora território que lhes pertencia. Apesar disto, a criação do PNX foi considerada uma vitória parcial.

Consistindo de um Polígono irregular com área aproximada de 22.000 km², o PNX englobava a Leste e a Oeste — de acordo com o artigo 2º. — 40 km das margens direita e esquerda do rio Kuluene, prolongando-se pelo rio Xingu em toda a sua extensão sul-norte.

O art. 3º. deste decreto prevê a demarcação da área pelos Ministérios da Agricultura, da Guerra e da Aeronáutica com a cooperação da Fundação Brasil Central. Pelo artigo 6º., estas entidades deveriam "promover a evacuação das áreas ocupadas indevidamente".

ESCALADA

Nem a demarcação foi feita, nem as evacuações foram realizadas. Ao contrário, durante todos esses anos, novas fazendas se instalaram na área, inclusive com apoio oficial do governo através dos incentivos fiscais, que haviam sido criados. A fazenda Agropexim, que tanto conflito deu, foi instalada com o apoio da própria administração do PNX, na época dirigido pelos Villas Boas, que deu apoio logístico para a abertura e instalação da fazenda, cujos técnicos desceram de avião bem no meio do Parque.

Os fazendeiros pressionaram através dos políticos e no dia 6 de agosto de 1968, o presidente Costa e Silva assinou o Decreto n.º. 63.082 que "altera os limites da área em que se situa o Parque Nacional do Xingu e dá outras providências".

Este decreto reduz a área do PNX, mas no seu art. 1º. reconhece "os 40 kms. de cada lado do eixo dos rios Kuluene e Xingu" que agora estão sendo contestados pelos fazendeiros. O art. 3º. estabelece que a FUNAI, os Ministérios do Exército e da Justiça e a Polícia Federal deverão "promover a evacuação das áreas ocupadas indevidamente". O art. 4º. estabelece que "O Serviço Geográfico do Exército, com a colaboração da IBGE, procederá a demarcação da área estabelecida".

Nada disto foi cumprido. Nem as evacuações foram realizadas, nem a demarcação foi feita. Ao contrário, aumentou a escalada contra o território indígena. Multiplicaram-se o número das fazendas que cercam o PNX. O próprio Governo Federal participa desta escalada com sua política de incentivo fiscais e com sua política rodoviária.

A estrada BR-080, cujo traçado na época de Costa e Silva estava planejado bem para o Norte, no momento de ser construída, por decisão do ministro

Mário Andreazza, cortou o PNX, deixando o território ocupado pelos Txukarramae do outro lado da estrada.

Então, no dia 13 de julho de 1971, o gal Garrastazu Médici assina o Decreto n.º. 68.909, que novamente altera os limites do PNX, excluindo do Parque a área ocupada pelos Txukarramae ao norte da Br-080. É na primeira parte do art. 2º. deste decreto que os fazendeiros querem se basear para negar aos índios os seus direitos.

A BRECHA

No entanto, se Garrastazu Médici teve a ousadia de legalizar este roubo, não o fez de forma acabada, deixando uma brecha legal na qual os índios se apoiam. É que o mesmo artigo 2º, que exclue esta área do PNX, reconhece no entanto que ela "permanecerá sob o regime do art. 193 da Constituição enquanto habitada com caráter de permanência pelas tribos indígenas que atualmente nela se encontram". Excluída do Parque, a área, no entanto, continuava sendo área indígena enquanto os índios ali permanecessem. No entanto, se os fazendeiros conseguissem expulsar os índios ou matá-los, ela deixa de ser área indígena. Acontece que os índios continuam lá, lutando pelo seu direito à terra que, portanto, legalmente continua a lhes pertencer.

Em 1976, no aniversário de 15 anos do PNX, Olympio Serra, então seu diretor, constatou que nenhuma medida oficial havia sido tomada para demarcar o Parque. "Passamos então a concentrar todo nosso esforço e nossa reivindicação para exigir a demarcação" diz O. Serra.

Mexendo com a demarcação, Olympio Serra foi surpreendido com uma "crua realidade": entre 1973/74 havia sido efetuada uma demarcação semi-sigilosa de grande parte da Reserva. Esta demarcação foi feita através de acordo com agropecuárias confinantes, como as FAZENDAS REUNIDAS S/A. que invadiram mais de 20 km da área indígena.

Quando Olympio estava deixando o PNX ele estava sendo já demarcado dentro do estipulado pelo decreto de Garrastazu Médici.

O ESBULHO

A tentativa de enganar os Txukarramae é descrita por O. Serra: "Em 1975, ainda, quando cheguei no Parque, fiz uma viagem até abaixo da cachoeira São Marcos, junto com os Villas Boas. Quando passou a BR-080 — esse grande esbulho — os Txukarramae que estavam morando numa aldeia ao norte da estrada, foram convidados para se transferirem para o interior dos limites do Parque. Alguns aceitaram e outros não. A facção mais patriótica que se recusou a ser esbulhada de seu território ficou sem a menor assistência da Administração do Parque como uma forma de coagi-los a se transferirem para o interior dos novos limites. Então, o resultado desta minha viagem foi chamar atenção para isso. Então propus a criação de um Posto, ou uma Reserva que seria a Reserva dos Txukarramae que se recusaram a sair, porque legalmente isto era possível. Mas a proposta não foi aceita".



No Pará e no Paraná

Kaingang retomam Mangueirinha e Xikrin patrulham sua área

Os Kaingang e Guarani não desistiram de ocupar as terras que foram apropriadas pela firma Slaviero. Em Mangueirinha, no sudoeste do Paraná os índios reunidos decidiram que 60 deles entrariam na área e que gradativamente ocupariam toda as áreas que pudessem ser usadas para a lavoura.

Os Xikrin, que ocupam 439 mil hectares ao sul da Serra dos Carajás e ao norte da rodovia Xinguara tiveram suas terras invadidas por três fazendas, várias serrarias e numerosos "peões" que, a mando de fazendeiros, penetraram na parte sul da reserva para extrair mogno e formar pastagens, abrindo muitas clareiras na mata.

OCUPAÇÃO INDÍGENA

Numa decisão que fere a Constituição brasileira o juiz Lício Bley Vieira tinha dado o aval da Justiça para a invasão que a firma Slaviero fez do território indígena. Angelo Cretã colocou em evidência que os Kaingang e Guarani não eram invasores, como a imprensa e mesmo a FUNAI afirmavam. Disse o líder que "Não tem sentido falar de "invasão" de uma área que sempre pertenceu aos índios e da qual lhes foram expulsos. Vamos simplesmente ocupá-la novamente".

O frio assassinato do líder Angelo Cretã consolidou firmemente a disposição dos Kaingang e Guarani de fazer valer os seus direitos sobre a terra invadida e ocupada pela firma Slaviero.. "Os índios — disse o delegado da FUNAI José Carlos Alves, antes de seguir para Mangueirinha no dia 18 de agosto — estão decididos a entrar em massa na área dos Slaviero, porque, além de alegarem cansaço pela espera

judicial, necessitam de novas áreas de cultivo". Disse que agora os índios estão "Unidos ao movimento para a invasão em massa". Um índio Kaingang entrevistado pela TV já na área retomada quando fazia sua roça, declarou: "Não tão dizendo por aí "plante que o João garante? Pois é, nós tamos plantando".

A luta dos Kaingang e Guarani pode se tornar mais explosiva se não forem tomadas logo as providências necessárias. A firma Slaviero não tem a menor pretensão de deixar as ricas araucárias da área para os povos indígenas. Estes, não aceitam mais a proteção de uma medida mais enérgica que garanta a posse das suas terras.

INVASÃO PROGRAMADA

Os fazendeiros, as empresas madeireiras não deram a mínima importância para a demarcação das terras dos Xikrin, a reserva do Catete. E continuaram invadindo a reserva, levando toros de mogno e agora, até garimpeiros estão penetrando na área em busca de ouro.

Duas vezes este ano os Xikrin aprisionaram invasores. Já amarraram fazendeiros durante vários dias, ato que está na vontade de muitos posseiros e povos indígenas do Brasil.

A FUNAI falou que vai iniciar em fins de agosto a retirada de todos os invasores da reserva indígena. E há muitos. Como uma fazenda com mais de 30 mil hectares dentro da reserva.

Os Xikrin estão dispostos a usarem e força para expulsar os invasores e organizando patrulhas para por um basta a essa situação.

PARQUE DO XINGU

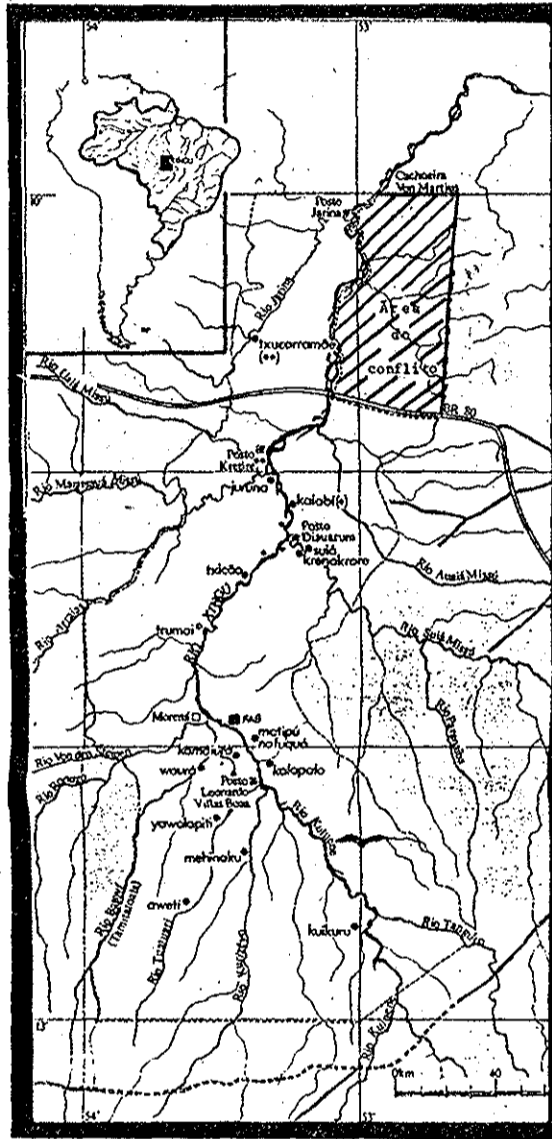
A atuação da FAB no Parque do Xingu:

PARASAR — PARA O AZAR DOS ÍNDIOS

O campo de pouso da FAB no Parque do Xingu, chamado de Jacaré, entreposto entre CACHIMBO e XAVANTINA, hoje, tecnologicamente é desnecessário. Os aviões, que a FAB atualmente utiliza, não precisam mais de um posto de abastecimento nos seus vôos CACHIMBO — Xavantina ou Brasília — Manaus.

Para que serve então a base aérea do Jacaré? O que justifica a presença permanente de 20 brancos e sua infraestrutura, que o sub-oficial Mendonça dirige: uma fazenda crescente já com 160 cabeças de gado que custaria à FAB a bagatela de Cr\$ 76.800,00 por mês, se a FUNAI cobrasse da FAB o que cobra de pequenos posseiros e fazendeiros que criam gado dentro da reserva indígena da Ilha do Bananal: Cr\$ 480,00 por cabeça de gado. O que justifica uma serraria que explora a madeira dos índios para a FAB? As casas de alvenaria e a luz elétrica? Por que estabelecer um campo de gado tão perto da roça que sustenta os 165 Kalapalo, a apenas dois minutos de vôo?

Desde que o gal. Frederico Rondon declarou o Parque do Xingu como um "problema de segurança nacional", tudo está justificado. Hoje, a base aérea da FAB no Parque do Xingu serve às finalidades mais diversas, desde o turismo dominical até operações militares de anti-guerrilha. No verão, até o fim de agosto, o campo da FAB é utilizado como base para operações militares simuladas do PARASAR, treinamento de sobrevivência e anti-guerrilha na selva. Nos seus treinamentos, o grupo Parasar, que varia entre 10 a 20 pessoas, fica cinco dias na selva do Parque, munido com armas para a caça e a defesa contra os imprevistos do mato. Sempre no último dia do seu



"treinamento" fazem visita — já quase ritualizada — às aldeias dos Txicão e Trumái. Estes, com antecedência avisados, já esperam o pessoal do Parasar por causa dos seus costumeiros presentes: ninharias que sobram do treinamento anti-guerrilha, chapéus, giletes, até fardas usadas, que os índios vestem para o divertimento geral. Terminada a temporada do acampamento Parasar, a FAB distribui alguns alimentos: açúcar, chá, café, macarrão, goiabada, ração militar, fubá: todos alimentos alheios à cultura dos índios Xinguanos.

Nestas ocasiões eufóricas da despedida, os índios trocam seu pior artesanato pelo pior serviço, que lhes presta a FAB: a distribuição dos presentes. Não somente a exploração do comerciante, também os presentes paternalistas desarticulam a cultura indígena, onde se faz cada troca num espírito de reciprocidade. A distribuição dos presentes criou uma mendicância generalizada em torno das instalações da FAB. Permanentemente se encontram nos seus arredores 25 a 40 índios,

pedindo alimentos, comida e encomendando negócios e compras através dos Oficiais Paulistas da FAB. Além do artesanato, o pessoal que chega nos aviões da FAB leva peixes do Xingu e caça para São Paulo em troca de alimentos ou dinheiro. Se trocou também já "outras coisas". Na CPL do Índio no dia 13 de setembro 1977, o então secretário do CIMI, o Padre Antônio Iasi, depondo sobre a presença militar no Parque do Xingu, declarou: "As caçadas e pescarias são coisas comuns. Um índio foi baleado, numa dessas caçadas.

Operações militares simuladas levam para a área indígena algumas centenas de soldados e, por onde passa o soldado, passa a fertilidade. Neste mesmo ano foi descoberto o "caso" de um cabo da FAB com uma índia Kamaluré".

Os oficiais da FAB, que chegam a Jacaré, se queixam da FUNAI, que não faria nada pelo índio, comparando sua atuação com aquela das Missões de Tyrió, do Cururu ou do rio Negro. Reclamam escolarização, civilização e integração mais acelerada. Não entendem, por exemplo, o caso da mulher do administrador do Parque do Xingu, do Sr. Francisco de Assis Lima, que consta já há mais de um ano na folha de pagamento da FUNAI como professora sem dar realmente aulas, conforme os próprios índios denunciaram. O pessoal da FAB, em conversas informais, acha que a única saída contra a incompetência e a corrupção da FUNAI seria a FAB assumir o Parque do Xingu e, quem sabe, a própria presidência da FUNAI. Há tempos, um coronel da FAB, o Sr. Ivan Zanoni Hausen, autor do livro "Porque os militares" e diretor do Departamento Geral de Projetos Comunitários, vem se projetando para a presidência da FUNAI. Quem conhece sua "ficha", fica no mínimo assustado com um "Zanoni ante-portas".

P.S.: Como o acampamento da FAB no Parque do Xingu tecnicamente é desnecessário e culturalmente prejudicial para os índios, o PORANTIM exige o seu imediato fechamento e a transferência provisória de alguns recursos humanos e técnicos para resolver o problema da reserva GOROTIRE/PA dos índios Kayapó, que foi invadida por 800 garimpeiros numa área, que parece ser a mais rica de ouro no Brasil. (P. Suess)

A PRODUÇÃO NO PARQUE DO XINGU E A TROCA DE ANZÓIS POR PODER

Reivindicando o fato de que "os intelectuais indígenas devem ter plenas condições e tempo para refletir sobre seus problemas", Olympio Serra, ex-diretor do PNX declarou que "uma das sacanagens que o sistema usa com seus subalternos é impedir que ascendam as posições".

"Eu gostaria de ter deixado um índio como diretor do Parque para se defender melhor" explicou Olympio, para quem, o PNX "ao lado dos serviços médicos atendia necessidades fundamentais: ferramentas, anzóis, etc. E quando a gente diz que isso é paternalismo esquece que envolve trocas altamente perigosas: de anzóis por poder".

Em entrevista ao PORANTIM Olympio falou sobre como está organizada a economia do Parque, estabelecendo uma relação entre o fator econômico e a estrutura de poder.

EVITANDO ACUMULAÇÃO

"A produção, de um modo geral, é organizada por grupos, por uma força de trabalho de grupos domésticos. São famílias extensas que se mobilizam em torno de uma roça, por exemplo. E esses grupos domésticos têm obrigações econômicas, políticas, religiosas com os demais", explica Olympio Serra.

Ele prossegue: "A regra básica nesses modelos alternativos para evitar o acúmulo de bens é a intensa circulação, na qual é admitido inclusive a reciprocidade negativa. A circulação intensa de bens é a regra fundamental. Tudo que é meu é passível de ser do outro, por várias regras, desde as de cortesia até esses compromissos efetivos. Na medida em que essa circulação de bens é negada, se alguém aparece por lá e quiser atentar contra a ordem pública, é passível de ser roubado. Aquilo que devia ser dado a um outro, que lhe é negado, tem direito de ser sequestrado, expropriado. Se a reciprocidade for negada, ele só terá força de trabalho, não recebe nada de volta, é algo pouco compensador; então, ele tem o efetivo direito de compensar essa falta".

O EXCEDENTE

Os índios assalariados do PNX passam a ter uma situação assimétrica, como uma espécie de fornecedor de bens para aqueles que não produzem bens.

Indagado sobre se o excedente produzido no Parque entra na economia de mercado, O. Serra aclarou que "o excedente é consumido internamente e aí funcionam as regras dos rituais. No momento em que há um excedente interno de produção, isso possibilita celebrar uma festa, para o qual todos são convidados".

"Quando determinado grupo celebra um ritual, ele está exigindo a reciprocidade junto daquele que, num determinado momento, foi convidado e deve receber a retribuição".

ARTINDIA: O LUCRO

Chegando a atenção para o perigo de qualquer generalização e para a necessidade de se fazer pesquisas para refletir sobre tudo isto — "A FUNAI peca justamente por impedir a pesquisa" — Olympio Serra diz que "uma reflexão sobre o Xingu é uma reflexão sobre nós mesmos".

Para ele, "é necessário saber até que ponto está surgindo uma sociedade xinguana, um sistema xinguano, envolvendo tanto os índios do Alto Xingu como os do Norte, que são categorias bastantes diversas e separadas".

"Está havendo uma quebra ultimamente, sabe, e eu olho isso meio apavorado. A quebra deste sistema xinguano em formação é motivado pela ARTINDIA, que criou uma participação no mercado de artesanato, e está introduzindo a idéia do lucro. Isto, além de ser uma agressão contra os povos do Xingu, é altamente perigoso e pode levá-los a desagregação", concluiu.

ASSEMBLÉIA

II Assembléia Indígena do Purus

SEIS NAÇÕES NÃO VÃO MAIS ESPERAR A FUNAI

UNIND se espalha pelo rio Purus

A UNIND, União Nacional do Índio, já está presente para os Kulina, Caxinawá, Apurinã, Paumari, Jarua e Jamamadi que participaram da Assembléia. Todos os representantes indígenas afirmaram a necessidade urgente de se organizarem, de unificar as forças e a solidariedade como solução mais acertada.

Frente à inoperância da FUNAI os povos indígenas partem para construir a sua própria organização e demarcar suas terras, expulsar os fazendeiros guardando com todo respeito a própria identidade como nação e como povo.

AMADEU — Apurinã: "Se a FUNAI não dá terra, nós temos que nos unir e tomar terra. Nós temos que fazer força para nós continuar a viver".

RIMANA — Kulina: "O branco tomou nossa terra, e agora vamos se unir para tomar de novo a nossa terra. Por isto eu chamei vocês, para nos ajudar a segurar e se vocês precisam, pode chamar que nós ajuda".

PANTCHO — Caxinawá: "Tem que ver este problema da terra. Nós somos UNIND mesmo, vamos demarcar a nossa terra, nós Kulina e Caxinawá junto. Nós todos temos que se ajudar, para os fazendeiros saírem. Se não sair nós vamos botar força".

PANTCHO — Caxinawá: "Nós queremos que as três aldeia, Maronawa, Fronteira e S. Amaro fica tudo num só, tá tudo picada feita, só falta marcar. Nós queremos juntar terra com Kulina porque tudo irmão e pode ajudar todo junto".

Em Manacapuru-Am:

BRASILJUTA EXPULSA 30 APURINÁ DO LAGO

No lago do Meriti em Manacapuru (AM) 30 Apurinã, depois de terem sido expulsos de uma margem do lago, agora estão ameaçados de despejo da outra margem. A BRASILJUTA não quer os Apurinã no Lago do Meriti e despachou um engenheiro de Manaus com a finalidade de fazer o loteamento das terras no rodado dos Apurinã.

Sem ter para onde ir, os Apurinã, comandados pelo tuxaua João Inacio Queiroz, estão dispostos a resistirem e não abandonar a área.

Segundo o agente de pastoral Wilson Lima da Costa, da paróquia local, os índios Apurinã chegaram em Manacapuru em 1972, vindos do Acre. Não se sabe o motivo dessa mudança. Provavelmente foram empurrados pelos fazendeiros das áreas onde moravam anteriormente.

A tranquilidade não durou muito tempo. Em 1976 surgiu o rico comerciante, dono da Serraria Manacapuru, Sr. Hapito Pereira, dizendo-se legítimo dono das terras onde moravam os Apurinã.

Como a FUNAI simplesmente não existe nessa cidade, e a "Justiça" sempre dá razão aos fazendeiros e aos ricos, os Apurinã tiveram de cair fora da terra, deixando as benfeitorias para serem destruídas. Lá se foram suas plantações e não receberam nenhuma indenização pelos prejuízos materiais. Tudo porque o Sr. Hapito Pereira achou por bem vender suas alegadas propriedades para um órgão do governo, a COBAL. Sendo um grupo indígena, não poderiam ter sido expulsos. Sem garantia de terra para trabalhar e viver os Apurinã, mesmo como posseiros, tinham direito sobre a terra.

PESCA PROIBIDA

Como em certas ocasiões não há argumento contra a força, os Apurinã preferiram então mudar-se para a outra margem do lago. Uma área insulciente que permite viver apertado. Mas os Apurinã não escapam da mira dos poderosos da cidade. Um rico comerciante, o "magnata" João D' Angelo proibiu os Apurinã de pescarem numa vasta área do lago do Meriti. O D' Angelo se julga dono da terra e do rio. A pesca é privativa para os fins de semana da família. Enquanto isso, os índios encontram dificuldades de se alimentarem.

Uma solução que ignore os direitos preferenciais dos Apurinã sobre a área que habitam NÃO será uma solução justa. Os Apurinã estão cansados de serem joguetes nas mãos de comerciantes que querem a terra para negócios. Estão cheios de bancarem o ping-pong, pra lá e pra cá.

A Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, através do empenho do Wilson Lima da Costa, está organizando formas mais concretas de ajuda a esse povo indígena. (R.P.P)

Chegaram em Moronawa, aldeia dos índios Kulina, no dia 26 de junho, os representantes das seguintes nações indígenas: Kulina, Caxinawá, Apurinã, Paumari, Jarua e Jamamadi, para a Assembléia Indígena, que eles próprios programaram desde o ano passado. A II Assembléia Indígena no Regional CIMI-Norte I ocorreu de 28 a 30 de junho de 1980.

Os índios, vindos do médio Purus, da região de Lábrea (AM), fizeram uma viagem de 23 dias para chegarem ao local da reunião. Um índio vindo de Envira fez uma caminhada de 6 dias pela mata.

"Então, todos nós queremos um lugar tranquilo para poder viver tranquilos como os nossos avós viveram, sem fazendeiro. "Essas palavras do Apurinã Amadeu expressam a aspiração dominante dos representantes indígenas que participam da Assembléia. Todavia, sabem todos que não devem confiar na FUNAI, que só fala "fala muito bonito, mas não cumpre sua palavra", como sintetizou o Caxinawá Pantcho.

"Agora nós não vamos esperar a FUNAI, nós mesmo FUNAI". Os participantes da Assembléia chegaram a conclusão de que a união das nações indígenas é melhor caminho para resolver os graves problemas que estão passando. E estão dispostos a demarcarem suas terras e todos juntos expulsarem os fazendeiros.

Os Kulina do Maronawa haviam preparado tudo para receber da melhor maneira possível os índios vindos dos mais diversos e distantes lugares. A reunião contou com a presença de 34 índios, que consentiram na presença de Anselmo e Marta, missionários do CIMI, apenas para fazer anotações.

SEGURAR A TERRA

AMADEU — Apurinã: "Entonces, nós todos aqui estamos para conversar. Tuchaua Kulina (Rimana) acolheu todos bem para nós se encontrar para conversar. Então o que nós devemos querer é a terra que dá pra nós viver muito tempo. Então aonde moro (Seruini) chegou a FUNAI.

Se a FUNAI não dá terra, nós temos que nos unir e tomar terra. Nós temos que fazer força para nós continuar a viver".

FAUSTINO — Apurinã: "Eu vim aqui para segurar minha terra. O branco quer tomar meu terreno aí eu não deixa não. Branco chegou lá Chico Barro e diz que tem papel de terra nossa. Eu disse que se ele não sabia que terra nossa, índio. Diz Chico Barro que se índio não solta terra ele vem traz bomba, aí eu disse que pode trazer que vou morrer aí mesmo porque terra é minha.

AMADEU — Apurinã: Diz assim, chegou lá um cara da FUNAI, Chico Barro comprou esse cara".

PANTCHO — Caxinawá: "Eu vim para segurar a nossa terra. Nós somos FUNAI mesmo, vamos demarcar a nossa terra, nós Kulina e Caxinawá junto. Nós queremos um pedaço de terra único para Kulina e Caxinawá. Primeiro a FUNAI queria fazer três pedaços, mas nós queremos só um pedaço de terra. Primeiro era três picadas (delimitação feita pela FUNAI), S. Amaro Fronteira e Maronawa. Agora nós quer tudo junto porque se ficar um pedaço no meio o fazendeiro entra. Primeiro mora tudo espalhado, agora nós estamos todos juntos e queremos viver lá. Vamos botar para fora este branco.

Primeiro nós vamos pedir para os branco sair, se não sai, segunda vez fala de novo e se não sai, aí reúne Kulina e Caxinawá aí põe pra fora a força. Se o branco não sair, vamos comer assado".

CHICO SERAFIM — Paumari: "Bom pessoal, vim dizer aqui a situação do meu pessoal. Bem, tem branco lá na minha terra que trabalha, vou deixar ainda este verão e depois tem que ir embora. O Tino (Falcão Filho, Prefeito de Lábrea) está colocando gente, mas eu não quero não. Agora se não sair, eu vou fazer reunião, vamos fazer umas flechas, pintar a cara, vem chamar meu pessoal lá de cima e vamos ver se o durão não vai sair".



Em Maronawá, aldeia do cacique "Manduquinha", líderes organizam a unidade dos povos indígenas



A cavada como simbolo de luta pela terra indígena.

JOÃO — Apurinã: Bem, aqui eu vim, de muito longe. Viemo participar da reunião. Chegemo aqui com o tuxaua Manduquinha (Rimana). Gostei da conversa e acho que está tudo certo. Se ele está trabalhando para ajudar nós, aí nós ajuda também ele. Se nós não pode, aí tem que vir um chefe de outro tribo para ajudar a segurar terra. Chama Jaimamadi, Jarua, Apurinã e outros, tá certo?".

Todos aplaudem e concordam que tem que ser assim mesmo.

"Pois é rapaz, primeiro nós estava tudo espalhado lá em Lábrea agora estamos todos unidos. O Tino é Prefeito, o Mustafá é dono da látex, o Tino se queria que é prefeito ele é seringalista comerciante. O Mustafá é o dono do Pauini e látex de Lábrea. Por que eles querem tanta guerra?"

FORA A CACHAÇA

AMADEU — Apurinã: "Somos 8 nações e ninguém precisa ter vergonha. Todos fala que FUNAI aparece mas não vem. Engenheiro é nosso terçado e se nós fizer o pique, depois não adianta outros vim chorar. Lá em casa também acontece que tem fazendeiro e marreteiro safado que chega e vende cachaça; depois, quando o índio está em-

brigaço o marreteiro leva o produto e vai embora. Tem 12 ou mais fazendeiros que têm muita terra, porque nós índio não tem direito a terra? Eles (fazendeiros) tem policia, tem tudo para se defender; mais nós tem flecha e ele não escapa, nós estamos avisando provisoriamente, mas se não sei, sai, nós mata e como amoquinhado. Eles (fazendeiros) tem avião para andar rápido, mas nós tem canoa e nem que leva três meses nós chega para se ajudar".

PANTCHO — Caxinawá: "Agora nós não bebe mais cachaça, cachaça não presta, estraga a gente, queima o coração. Cachaça não vale nada".

RIMANA — Kulina: "Quero dizer que para tuxaua de S. Amaro não deixar entrar cachaça porque cariú (branco) só vende cachaça para depois conseguir terra. Antônio Manoel (marreteiro) só vende cachaça para índio e só da fulia".

CONVERSA FIADA

PANTCHO — Caxinawá: "Pois irmão escuta minha palavra, eu vou falar sobre a FUNAI. FUNAI conversa para ajudar índio. FUNAI chega um dia na maloca e trás um sabão, querosene e diz que quer ajudar índio e ganha dinheiro. Por nós, mas não ajuda índio não. FUNAI está em tudo canto, FUNAI é um pessoal mentiroso e são ladrão e são maluco. FUNAI é umas pessoas que vende nossa terra e ganha muito dinheiro e nós não sabe nada. FUNAI conversa muito bonito, eles são sá-bido. Nós coitado de índio não sabe de nada e FUNAI vende a nossa terra. Fala muito bonito mas não cumpre a sua palavra. A FUNAI ganha muito dinheiro a nossa custa. Nós trabalha, eles vende n osso produto e ganha muito dinheiro com o nosso trabalho. Isso eu já vi em Rio Branco (Acre). FUNAI não presta de nada. FUNAI em Rio Branco, eu pejeji e não consegui nada".

JOÃO — Apurinã: "FUNAI só tem conversa, diz que vem tal dia ou tal mês e só é conversa. Agora FUNAI tem que ser nós mesmo. Então eu vim de longe e prefeito de Lábrea diz que não tem direito a terra, mas todo mundo é sabedor que lá morava índio. Então antigamente só tinha índio. Então veio a FUNAI, mas não presta, não dá o direito ao branco sair, mas nós mesmo vamos marcar nossa terra. Depois veio um funcionário da FUNAI, Apoena Meireles e disse que podia tirar a nossa terra e depois disse que não podia mais, porque estava no meio dos branco, mas deveria pensar com a cabeça, quando diz uma palavra que tem que ser cumprida".

AMADEU — Apurinã: "Porque se a gente espera da FUNAI, não adianta, eles só faz FUNAI, é um careca, bebo, um louco, ou cachaceiro ou leso e diz que trouxe a caixa de fósforo, mas não adianta, a caixa se acaba e a nossa terra não se acaba.